

Os diários dos bichos do mar

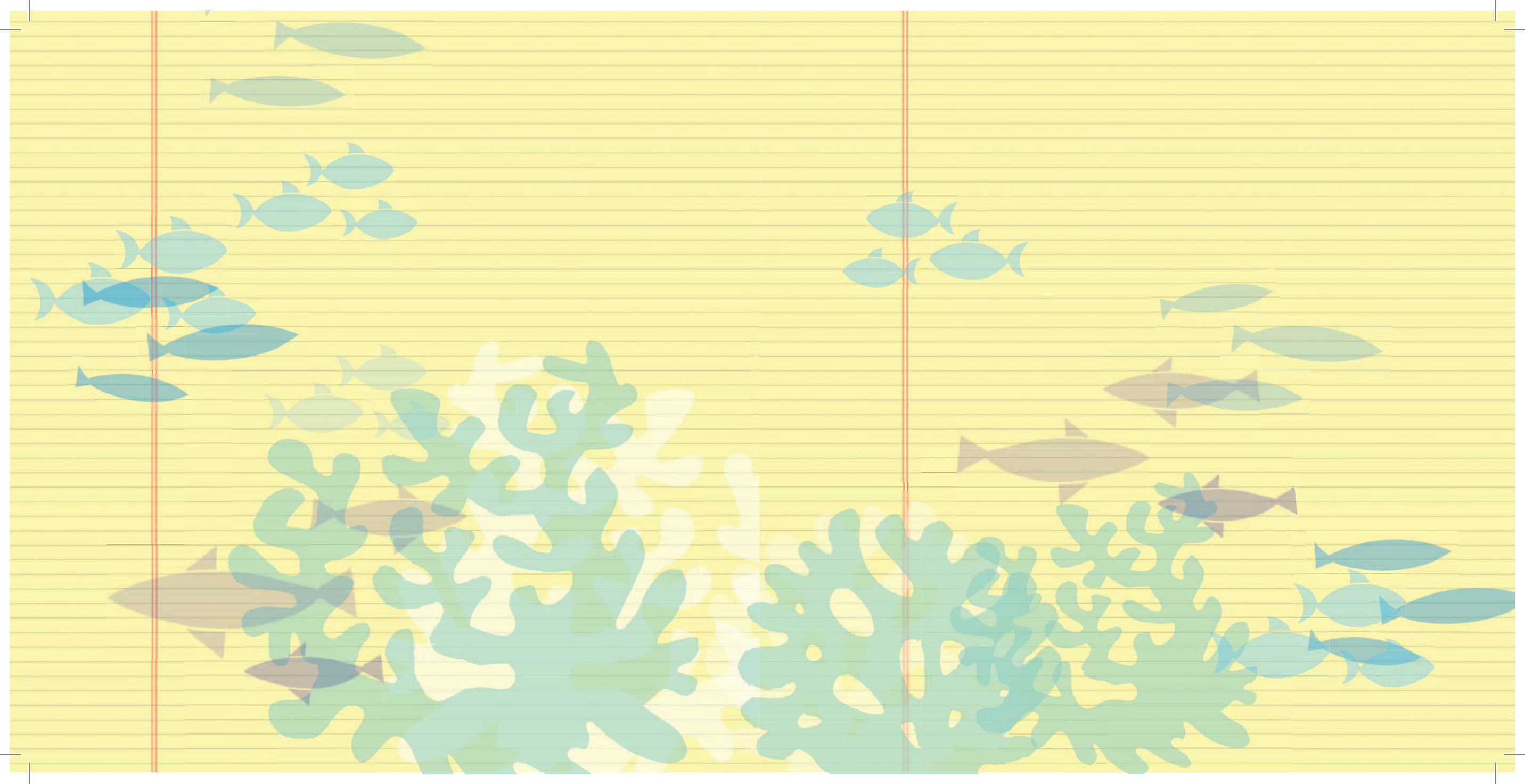
PROGRAMA PETROBRAS SOCIOAMBIENTAL

A Petrobras acredita que transformações estruturais só acontecem quando a dimensão social e a questão ambiental são tratadas de forma integrada, entendendo que a realidade é tematicamente indivisível e naturalmente interligada. A criação do Programa Petrobras Socioambiental confirma o compromisso da Petrobras com o desenvolvimento sustentável. O Programa atua em sinergia com políticas públicas, articulando iniciativas que contribuem para criar soluções e oferecer alternativas com potencial transformador em busca de um ambiente ecologicamente equilibrado e socialmente equitativo.



Rede Biomar











Os diários dos bichos do mar

Rede Biomar



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva - Jr, José Martins da
Os diários dos bichos do mar / José Martins da
Silva Júnior, org; [ilustrações de Gilberto Tomé]. -
1. ed. - Santos, SP : Editora Brasileira de
Arte e Cultura, 2014.

ISBN 978-85-63186-17-1

1. Meio ambiente - Histórias em quadrinhos -
Literatura infantojuvenil I. Silva -Jr, José
Martins da. II. Tomé, Gilberto.

14-07158

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Meio ambiente : História em quadrinhos :
Literatura infantil 028.5
2. Meio ambiente : História em quadrinhos :
Literatura infantojuvenil 028.5

Os Diários dos Bichos do Mar

ORGANIZAÇÃO

José Martins da Silva Júnior

AUTORIA DOS TEXTOS

Diário de um Juninho, *Diário de um Albatroz* e *Diário de um Golfinho*: José Martins da Silva Júnior e Cynthia Gerling

Diário de um Coral: José Martins da Silva Júnior e Débora de Oliveira Pires

Diário de uma Baleia Jubarte: Ágatha Gil e Sergio Cipolotti

Diário de uma Tartaruga: Projeto Tamar

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

Fonte Design / Gilberto Tomé

Todos os direitos reservados ao Centro Golfinho Rotador.

Rua Eurico Cavalcante de Albuquerque, 5, Vila do Boldró, CEP 53990-000, Fernando de Noronha (PE), Brasil

e-mail: contato@golfinhorotador.org.br | www.golfinhorotador.org.br | Tel.: (81) 36191295



EDITORA
BRASILEIRA

Agradecimentos

Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental, em especial aos amigos:

Armando Ramos Tripodi – Gerente Executivo de Responsabilidade Social

Rosane Aguiar Figueiredo – Gerente de Responsabilidade Social/Investimentos Sociais

Gislaine Garbelini – Gerente Setorial de Programas Ambientais

Ana Balogh Tripodi – Gerente Setorial de Programas Ambientais Substituta

Leyla Maciel – Gestora dos Projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral e Tamar

Luiz Flávio G. de Magalhães – Gestor do Projeto Golfinho Rotador

A Rede Biomar



Este livro, produzido pelo Projeto Golfinho Rotador, é uma das ações da Rede de Projetos de Biodiversidade Marinha (Rede Biomar), que reúne projetos patrocinados pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

A Rede Biomar tem por objetivo a conservação da biodiversidade marinha no Brasil, atuando na proteção e pesquisa de espécies e habitats. Atualmente fazem parte da Rede Biomar os Projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Tamar.

A Rede Biomar teve início em 2007, com a construção do Planejamento Estratégico Integrado de Biodiversidade Marinha, criado pela Petrobras em parceria com as instituições executoras e o Ministério do Meio Ambiente, através do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), para fortalecer as



políticas de conservação marinha, no âmbito nacional e internacional. O planejamento tem como linhas de atuação a ampliação do conhecimento científico sobre as espécies, promoção da inclusão social das comunidades que vivem nas áreas de atuação dos projetos, programas de educação ambiental, fortalecimento de políticas públicas, atividades de comunicação sobre sustentabilidade, entre outras.

Como os habitats e as áreas dos projetos da Rede Biomar sofrem com problemas comuns, que afetam a conservação ambiental na zona costeira e marinha, a Biomar integra os esforços de conservação marinha para minimizar esses fatores de ameaça às espécies, por meio do fortalecimento das instituições que a compõem e da sua capacidade de articulação, identificando pontos de intersecção e oportunidades em suas ações.

PATROCÍNIO



Diário de um Juninho



Oi, vó, que saudades!

Que bom que você chegou!



Só me deixaram passar esta semana aqui se eu, para treinar redação, escrevesse sobre o período que ficasse com a senhora. Vou ter que escrever um diário.

Escrever é um dom tão bonito!



Eu odeio escrever, escrever diário então, é coisa de banana. Eu quero é ouvir e contar histórias como o Vô Pedro. No máximo, um dia, vou gravar um livro de memórias.

Vó, eu não quero escrever nada. Papai, que é advogado, e mamãe, que é professora, que têm que saber escrever. Eu quero ser do mar e viver grandes aventuras, como as que vovô contava quando era vivo.



Juninho, sabe essas histórias que seu avô contava sobre os bichos do mar, aquelas que você adora e que todo mundo repete até hoje?



– Sei sim, vó. É disso que eu gosto. Contar e ouvir história. Escrever, não é para mim, assim como não era para o vovô. Lembro-me de cada palavra das histórias que ele contava sobre aves, baleias, corais, golfinhos e tartarugas.

– Juninho, tenho que te contar uma coisa. Seu avô era analfabeto até os 30 anos de idade. Era muito calado e não contava nenhuma história. Até o dia que ele encontrou um livro em sua rede de pesca, que era como um diário dos bichos do mar.

– Mas de que adiantava o livro se ele não sabia ler, vó?



– Ele ficou curioso para ler as histórias dali e, então, foi estudar. Em menos de um ano já tinha lido todo o diário. Passou a contar essas histórias e outras mais que ele lia, ouvia e vivia. E começou a registrar tudo em um caderno, um tipo de diário do Seu Zé.

– E cadê esse diário dos bichos do mar, vó? Ele ainda existe? E o diário do vovô? Cadê?

– Acho que eu ainda os tenho guardados. Espera aí que eu vou procurar.



Achou, vó?

Achei só os Diários
dos Bichos do Mar. Leia
este primeiro que depois
procuro os escritos do
seu avô.

Que legal, vó, o livro
é um diário que conta a vida
de um albatroz, uma baleia,
um coral, um golfinho e uma
tartaruga. E todos jovens
como eu!



Diário de um Albatroz

Machucou,
mãe?

Não.
Não foi nada!
Estou
acostumada.

Será que eu
vou aprender a
voar e aterrissar,
mãe?

Claro, meu
filho. Fique
observando como
fazemos e depois
você vai treinar e
conseguir.

Com os erros
aprendemos
também.

- Explique-me a técnica, pai.
- Quando decolar, precisa correr de um jeito que passe bastante ar por debaixo de suas asas. Só assim se forma uma camada de ar sob as asas que possibilita levantar voo.
- E a aterrissagem, pai?
- Essa é mais difícil. Nem sei como explicar. Só tem que cuidar para não sair capotando e quebrar uma asa.
- Vou conseguir!





Para quem ainda não me conhece, sou um albatroz-viajante. Tenho um ano de idade e em pouco tempo sairei do ninho. Ainda não sou viajante, pois ainda não saí voando pelos mares, como meus pais e seus amigos que estão voando daquele jeito superdifícil. Por enquanto, estou no ninho com minha mãe, Via, e meu pai, Giga. Estou me preparando para voar. Vivemos nas margens do gelo que circunda a Antártida. Já estou quase do tamanho dos meus pais. Vou chegar a 10 quilos e 3 metros e meio de envergadura de asas, a maior do mundo.

Cadê o pai, mãe?

Saiu para se alimentar e buscar alimento para nós.

Estou louco para sair voando pelos mares.

Não se apresse, meu filho. Para mim, parece que foi ontem que você saiu do ovo. Você não sabe o sufoco que passei para você nascer e te manter vivo até agora.

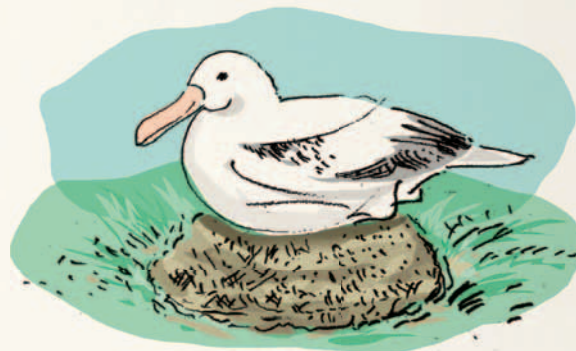
Conta para mim, mãe.

Para que eu pudesse nascer e crescer forte, meus pais tiveram um trabalho, que demorou um ano: começou com a chegada deles na ilha Geórgia do Sul, passaram pela corte, cópula, confecção do meu ninho, postura, o choco do meu ovo e depois começaram a me alimentar! Meus pais se conheceram quando tinham 10 anos, ao voltarem da vida em alto-mar. Minha mãe conta que o pai, ao fazer a corte para ela, fez uma dança de acasalamento bem engraçada, para impressioná-la. Meu pai sincronizava vários movimentos, como limpar as penas, emitir sons batendo os bicos, olhar fixamente para o céu e abrir as asas. Eles queriam um casamento para sempre e conseguiram. Vão ficar juntos para toda a vida.



Por que eu não tenho irmão, mãe?

Nós só temos um filho por temporada reprodutiva.



Quando nasci, sempre ficava só ou com um dos meus pais sobre o ninho: um monte cilíndrico de barro, capim e musgo. Se a mãe ficava, o pai ia buscar alimento no mar, bem longe. Às vezes ele demorava até mais de 15 dias. Quando meu pai ou minha mãe chegavam, eles me davam de comer no bico. Eu ganhava um mingau de lulas, peixe e camarõezinhos que meus pais faziam nas suas barrigas.

Mãe, você acha perigoso ficar voando pelos mares?



Sim, meu querido. Ao longo da sua vida, você viverá três situações de grande perigo.

- Quais, mãe?
- A primeira será quando você tiver que ir para alto-mar e se virar sozinho na busca por alimento.
- Mãe, você e o pai não estarão comigo?
- Não, vai chegar uma hora em que teremos que deixá-lo aqui no ninho e você vai se virar sozinho.
- Quando?
- Nós só iremos embora quando acharmos que você já está em condições de voar.
- E o que eu vou fazer?
- Terá que criar coragem e alçar voo para alto-mar e se virar sozinho na busca por alimento nas águas da Argentina e do Brasil.



Mãe, é verdade que às vezes, para achar comida, temos que seguir barcos de pesca dos homens para apanhar detritos e sobras?

Alguns albatrozes, assim como outras aves, fazem isso. Mas é muito perigoso.

Esse é o segundo perigo da minha vida, mãe?

Sim, são os espinhéis de pesca, meu filho. Quando for se alimentar, tem que cuidar para não pegar a isca de um anzol de pesca.

– O que são aquelas coisas coloridas que aquela fêmea regurgitou para seu filhote, mãe?

– É lixo que os humanos jogaram no mar.

– É bom para comer? Eu também quero.

– De jeito nenhum. Aquilo é porcaria e pode matar você.

– E aquilo serve para alguma coisa?

– Antes de chegar no mar, poderia servir para várias coisas. Agora, aqui no mar, só serve para atrapalhar a vida dos bichos marinhos.

– Que troço feio!

– Alguns albatrozes morrem ou matam seus filhotes com lixo. Eles confundem lixo com comida e engolem ou levam para os filhotes, que comem achando que é comida.

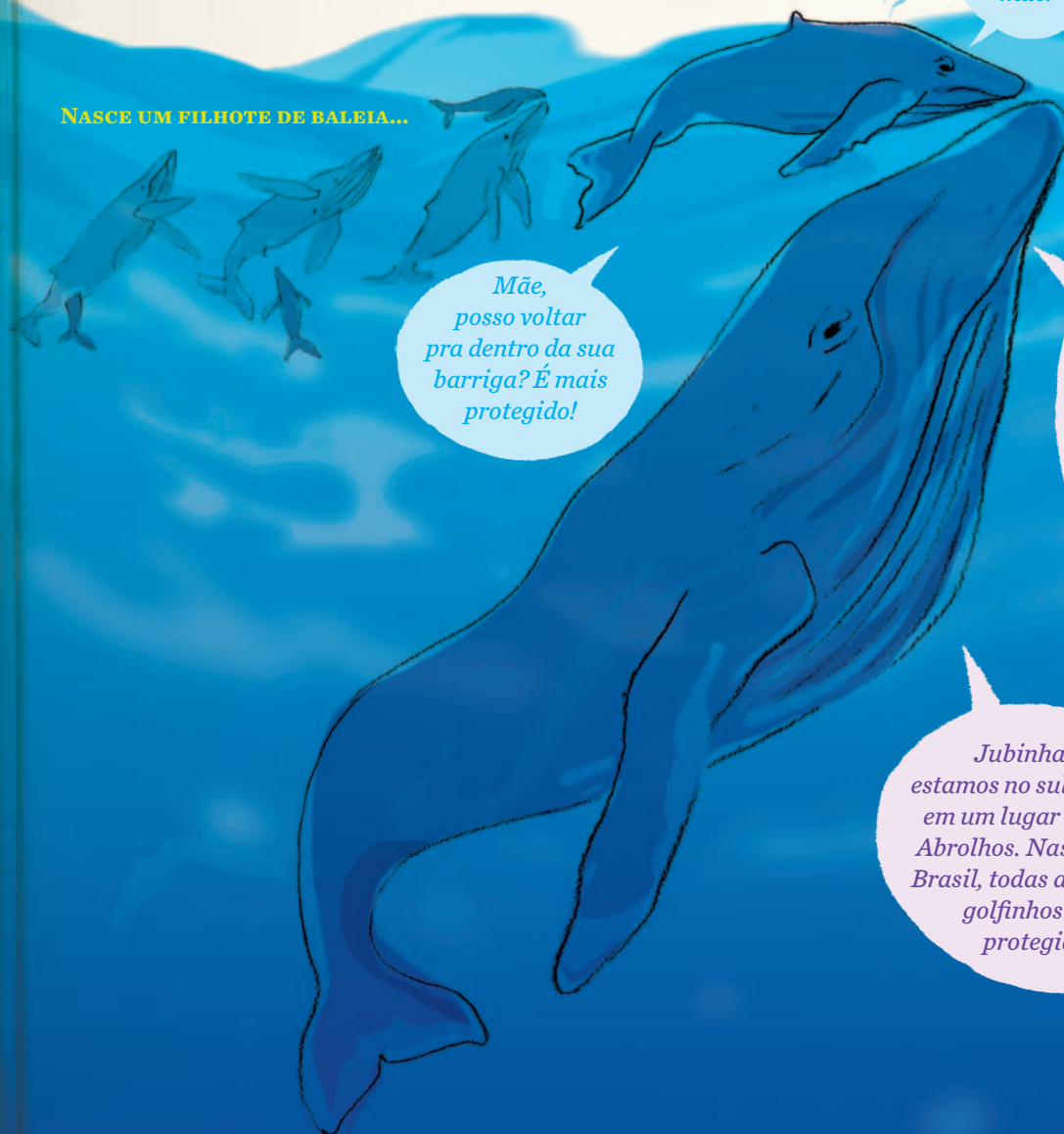
- Mãe, até entendo os perigos que há na natureza, como a dificuldade no voo e achar comida em alto-mar. Mas a pesca e o lixo eu não entendo!
- São perigos causados pelo homem. Temos que aprender a lidar com eles.
- E esses homens não podem fazer nada para nos ajudar?
- Tem vários humanos que trabalham a nosso favor.
- Como? Quem são eles?
- Uma equipe que conheço é a do Projeto Albatroz.



Minha mãe me contou que, em parceria com os pescadores, o Projeto Albatroz realiza várias ações para reduzir a captura não intencional dos albatrozes. Além de beneficiar as aves, a prática dessas medidas também ajuda a pesca.

Diário de uma Baleia Jubarte

NASCE UM FILHOTE DE BALEIA...



*Consegui,
mãe!*

*Respirou,
filho?*

*Mãe,
posso voltar
pra dentro da sua
barriga? É mais
protegido!*

*Você
sempre deve
subir para
respirar, pois
você tem pulmões
e precisa de ar.
Não tente
fazer como
os peixes,
viu?*

*Jubinha, nós
estamos no sul da Bahia,
em um lugar chamado
Abrolhos. Nas águas do
Brasil, todas as baleias e
golfinhos estão
protegidos.*

Essa é minha mãe, Dona Juberta. Ela é uma baleia jubarte, já tem 45 anos de idade, pesa 40 mil quilos e mede 16 metros! É a mesma coisa que pesar 8 elefantes juntos e ser maior do que um ônibus. Todos os anos ela volta para o Brasil, principalmente para a costa da Bahia, lugar onde nasceu e diz que não quer trocar por nenhum outro lugar do mundo.



Este sou eu! Meu nome é Jubalotti Junior, mais conhecido como Jubinha. Eu fiquei quase um ano dentro da barriga da minha mãe. Já nasci com 4 metros de comprimento, pesando mais de 1 tonelada. Até meus 10 meses de idade ficarei ao lado da minha mãe, mamando até 100 litros de leite por dia e engordando bastante.

Preciso ficar bem gordinho, pois daqui alguns meses farei uma grande viagem para a Antártida e, como lá é muito frio, minha gordurinha vai servir como um casaco. As baleias de minha espécie passam o verão nas águas geladas para se alimentarem de um pequeno camarão, chamado krill, e também de pequenos peixes. No inverno, elas migram para águas quentes para fugir do frio, namorar e ter filhotes. Por isso eu nasci aqui na Bahia.





Descobri que ser baleia jubarte não é uma tarefa fácil. Nós, machos, temos que cantar bem para conseguir uma namorada. Todos os anos, de julho a novembro, estamos aqui no Brasil, principalmente no Estado da Bahia.



Que som massa! De onde vem?

É o seu irmão cantando.

E por que ele canta tanto?

Os machos cantam para atrair as fêmeas. Ele está à procura de uma namorada.



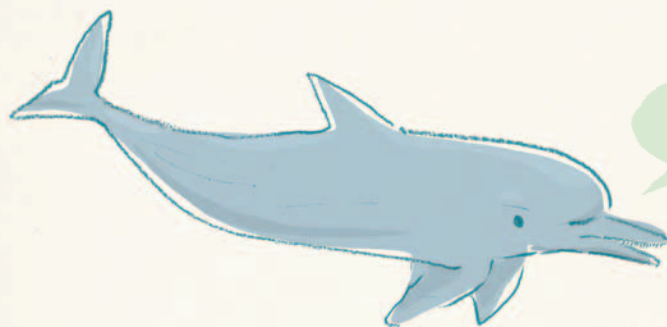
E aí, primo, tudo beleza?

Calma, Jubinha! Este é seu primo, sim. Baleias e golfinhos são parentes.

Primo? Tá maluco?



Mas ele tem esse negócio estranho na boca.

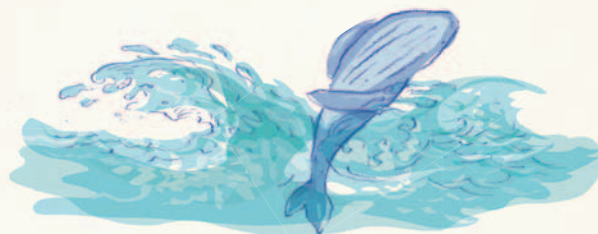


Isso são dentes. E você que é ainda banguela?



Não sou, não! Olha minhas barbatanas nascendo aqui, ó!

Uma das diferenças entre baleias e golfinhos está na boca: as grandes baleias, conhecidas como misticetos, possuem barbatanas. Já os golfinhos, conhecidos como odontocetos, possuem dentes. E todos são parentes, pois fazem parte de um grande grupo, chamado cetáceos.



- Minha mãããã! O que é aquilo?
- É uma baleia saltando.
- Nossa! Eu quero fazer também. O que mais podemos fazer?
- Vou lhe ensinar alguns comportamentos, é só me imitar.



BATIDA DE CABEÇA



SALTO



EXPOSIÇÃO CAUDAL



EXPOSIÇÃO CAUDAL



BATIDA DE CAUDA



ESPIAR



EXPOSIÇÃO DAS NADADEIRAS PEITORAIS



ARQUEAMENTO



*Me ajuda!
Eu tô
preso nesse
negócio
aqui!*

*Filho! Isso é uma rede
de pesca! Não se mexa. Vou puxar
aqui. Agora nada para lá.
Ufa, saiu.*



Esse foi o dia mais difícil da minha vida. Eu quase morri, pois enquanto saltava não vi a rede e me enrosquei nela. Depois de solto, minha mãe me falou sobre os perigos do oceano, como poluição química, poluição sonora, atropelamento de barcos e emalhamento em redes de pesca.

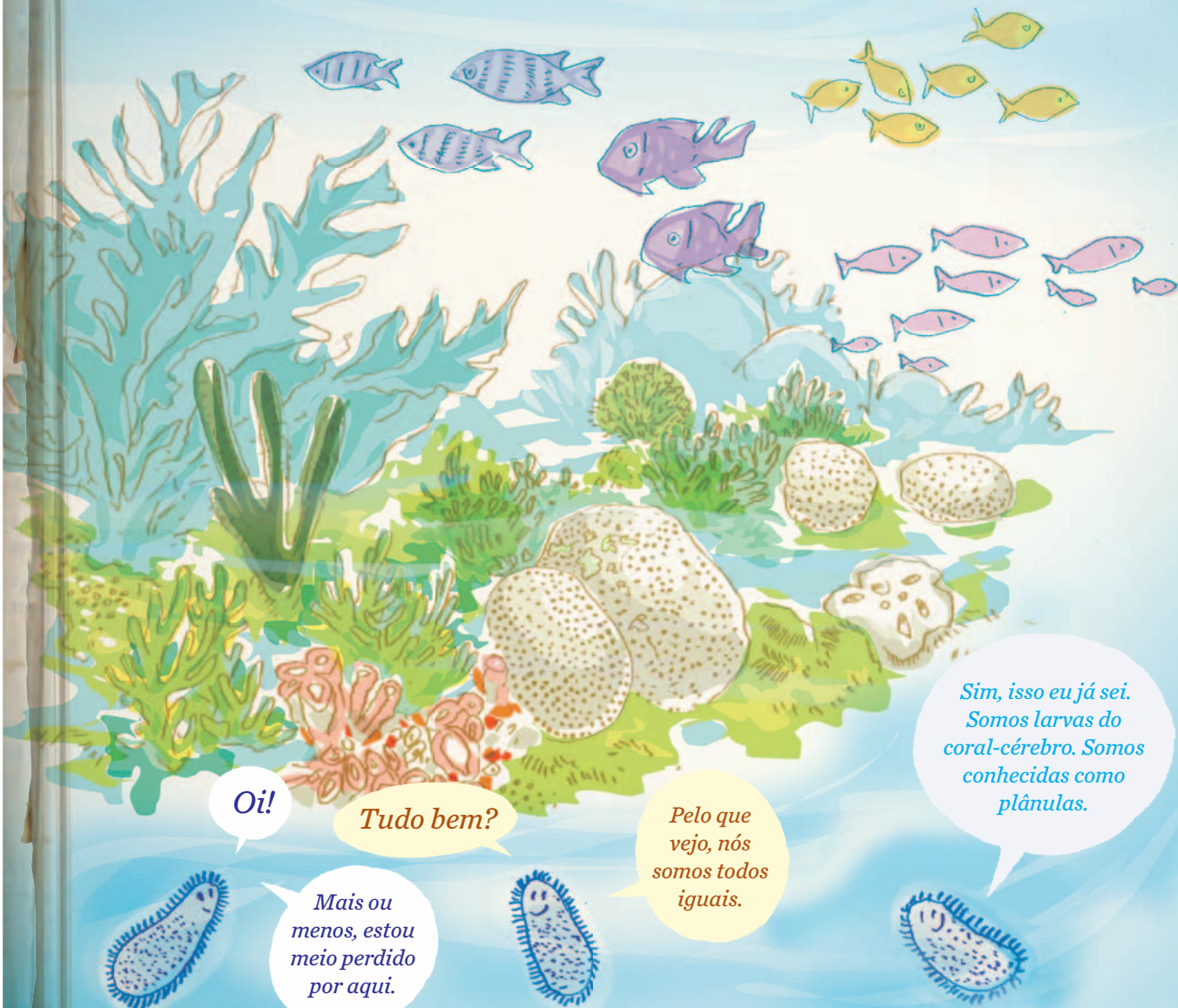


- E aí, filho? Preparado para a grande viagem?*
- Oxente, minha mãe, não sei se quero ir, não. Tem muitos perigos no oceano.*
- Eu sei disso, mas existem também muitas belezas e conhecimentos.*
- Se o oceano é tão belo e pode nos ensinar muito, eu não entendo qual bicho quer deixar nossa casa feia e perigosa?*
- Eles são conhecidos como seres humanos.*
- Esse bicho ser humano é um bicho malvado, mãe?*
- Não, filho, é um bicho inteligente, mas às vezes alguns esquecem que há outros bichos no mundo.*
- Então vamos falar de nós pra eles, mãe. Eles vão nos adorar!*
- Fica tranquilo, Jubinha, já tem alguns humanos que nos estudam, falam de nós por todos os lugares que visitam e lutam pela proteção dos oceanos!*
- Quem são eles, mãe?*
- É a equipe do Projeto Baleia Jubarte.*



E foi assim que decidi fazer algo pela minha espécie e minha casa! Vou deixar meu diário nas ondas do mar. Espero que bons ventos levem o que escrevi até um bicho humano, para ele ler e espalhar minhas histórias para todos de sua espécie. Como são inteligentes, vão entender que todos os seres vivos do nosso planeta vivem em rede! Isto é, um precisando cuidar do outro e cada um pensando em suas ações e consequências. Espero que os seres humanos aprendam a viver em rede, mas não naquela rede de pesca que me prendeu, não, e sim em uma grande rede do bem.

Diário de um Coral



Oi!

Tudo bem?

Mais ou
menos, estou
meio perdido
por aqui.

Pelo que
vejo, nós
somos todos
iguais.

*Sim, isso eu já sei.
Somos larvas do
coral-cérebro. Somos
conhecidas como
plânulas.*

- Pelo nosso tamanho, acho que temos a mesma idade, uns 7 dias.
- Já estou sentindo que tenho que procurar um lugar para me fixar e viver o resto da minha vida lá.
- Eu também. Já fico com vontade de ir para baixo para escolher onde vou me assentar.
- Acho que estamos nos afastando uns dos outros. São as correntes. Estamos nos distanciando. Tchau!
- Tchau!
- Tchau!
- Não se esqueçam de escolher um ambiente adequado para se fixarem, prestem atenção nos outros organismos presentes, na quantidade de luz e na força das ondas e correntes.



Depois daquela corrente, nunca mais vi minhas amigas plânulas. Mas não me esqueci do conselho do Brazilie e procurei um bom lugar para me fixar. Fixei-me perto de uma grande colônia de corais da minha espécie, coral-cérebro, e agora já sou um recruta. Ao meu lado tinha um coral mais velho, o Cabeça, que foi supersimpático desde o início e com o qual fui conversando e entendendo o nosso mundo, o mundo dos recifes de coral.



Oi!

Bem-vindo, recruta.
Meu nome é Cabeça.

Obrigado.
Sou o
Mussis.

Tudo bem?



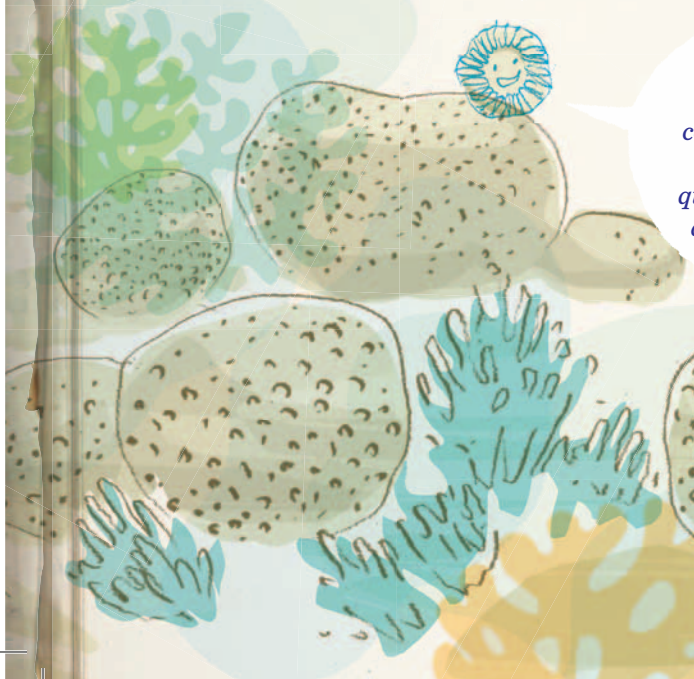
Agora que já sei bastante, posso escrever sobre nós. Sou um coral-cérebro da Bahia, um tipo de coral dentre os conhecidos como corais-pétreos ou verdadeiros. Somos dos mais importantes na construção dos recifes. Nosso esqueleto é depositado por fora, na base do nosso corpo, e apenas a parte mais superficial é ocupada pela carne, que é a nossa parte viva. Vivemos em colônias. Nossa espécie só existe no Brasil.

Cabeça,
enquanto eu procurava
um local para me fixar, só tinha
areia, lama e água. Quando ia
para baixo, só havia bem no fundo
uma área plana e amarela. Daí,
encontrei essa estrutura alta,
colorida e bonita, cheia de tocas e
esconderijos. Então, decidi
ficar aqui.

Ainda bem.
Pois isso é um
recife de
coral.

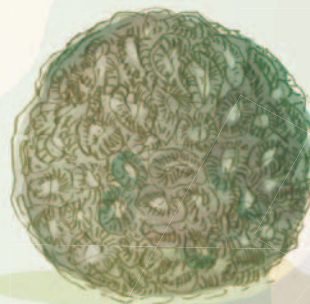
Fiquei
impressionado
com a altura desse
recife e com a
quantidade de vida
dentro e ao redor
dele.

Essas são a
razão do nosso
sucesso. A construção
que atrai e sustenta
a maior diversidade
de formas de vida
marinha.





Outra curiosidade que aprendi é como nascemos. Os corais, de maneira geral, apresentam várias formas de crescer e reproduzir: assexuada e sexuada. Por exemplo, os pólipos do coral-cérebro podem se dividir, formando dois ou mais pólipos. Na reprodução sexuada do coral-cérebro da Bahia, a fecundação ocorre a partir da liberação de uma massa de ovos e espermatozoides na forma de um pacote que é expelido pela boca. Os gametas sobem para a superfície, onde ocorre a fecundação e o desenvolvimento da larva plânula.



– Cabeça, o que são esses bichinhos que estão crescendo dentro de mim?

– Não são bichinhos, são algas de uma única célula, denominadas zooxantelas.

– Zooxantelas? O que elas estão fazendo dentro de mim?

– Os corais e as zooxantelas têm uma relação conhecida como simbiose. Um tipo de relação em que as duas partes saem ganhando.

– Como assim?

– Nós nos alimentamos de parte dos açúcares, gorduras e proteínas produzidos pela fotossíntese realizada pelas algas. Também usamos o oxigênio produzido na fotossíntese das zooxantelas. Essas são nossas vantagens na relação.

– E o que as zooxantelas ganham?

– Quando respiramos, eliminamos muitos produtos que são produzidos pelo nosso metabolismo. As zooxantelas, por sua vez, utilizam esses produtos dos corais para a fotossíntese, que gera mais oxigênio e alimento para o coral.

– Que legal!

– São as zooxantelas que dão a nossa cor. Quando elas morrem, ficamos brancos.

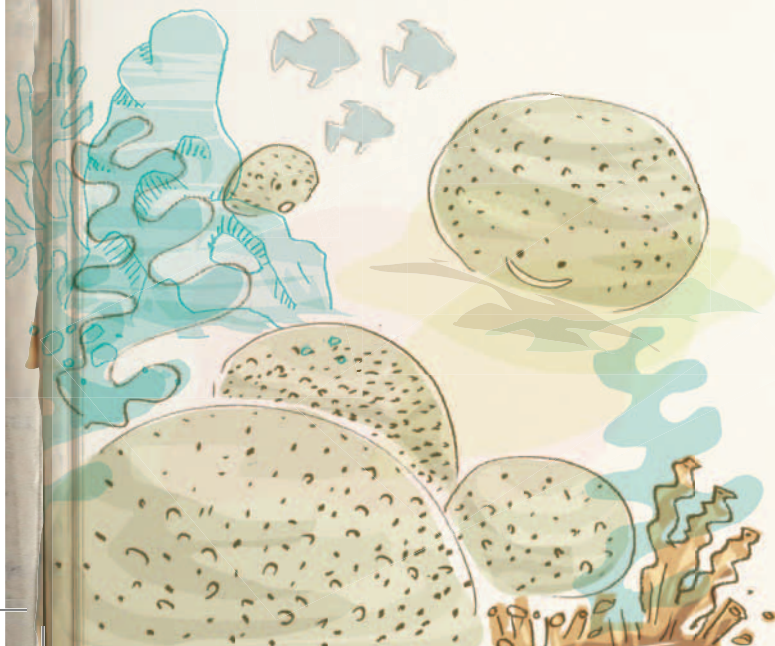
Uma informação muito útil que aprendi com o Cabeça foi sobre alimentação. Nós, corais, somos também carnívoros e caçamos nossas presas de diversos modos. A caça tem que vir de encontro ao caçador e temos que fazer tudo para capturar o maior número de presas. Assim, possuímos tentáculos em um ou mais círculos ao redor da nossa boca. A maioria dos corais caça suas presas principalmente à noite.



- A partir de agora, a vida será mais tranquila.*
- Tranquila. Por quê?*
- Pois já estamos assentados (ou fixos) e assim ficaremos por muitos anos. E, como estamos em uma unidade de conservação, o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, teremos uma proteção especial dos homens.*
- Homens, proteção, Parque Nacional? Por favor, me explica melhor tudo isso.*



O Cabeça foi superpaciente e me explicou que o homem é um animal que vive em terra, mas que de vez em quando vai para o mar. Tem homem que nos prejudica, de propósito ou sem querer. Mas, nas unidades de conservação, tem proteção especial para todos os seres que vivem lá. Também há homens que nos ajudam, como a equipe do Projeto Coral Vivo, que trabalha para que os recifes de coral cumpram sua função de dar suporte e abrigo a diversos seres marinhos, como peixes e lagostas. Assim, os corais conseguem também ter uma função social e econômica, sendo fonte de renda para muitas famílias que vivem da pesca e do turismo nas comunidades próximas a recifes de coral.



Diário de um Golfinho



Quase consigo um salto completo, hein, Rostro?

Sim, quase. Mas tem que treinar mais.

Ainda consigo, né, Rostro?

Claro, não tenho dúvida. Fica por aqui que vou lá ver o que os golfinhos de guarda estão fazendo.

Esse tio que estava comigo, o Rostro, é muito legal e é um grande acrobata. Minha família só tem fêmeas e eu de macho, porque ainda sou filhote. E, dos golfinhos machos adultos que andam com minha família, o Rostro é o que me dá mais atenção.

É, tenho que me apresentar. Sou Delphos, um pré-adolescente de golfinho-rotador, ou seja, um juvenil de Stenella longirostris. Tenho o nome popular de rotador porque, muitas vezes, ao saltar fora d'água, os golfinhos da minha espécie conseguem realizar até sete rotações em torno do próprio corpo. Só nós fazemos isso. O nome científico, como os humanos nos conhecem em todo o mundo, é por causa do nosso corpo. Stenella quer dizer delgado, e longirostris, focinho comprido. Assim, pertencço à espécie de golfinho que tem o corpo bem esbelto e o focinho longo. Estou com quase 3 anos e tenho 1 metro e meio de comprimento. Quando eu crescer, vou chegar a 2 metros e 75 quilos de peso.

*Oi, mana,
tudo bem?*

*E essa barriga, está
dando trabalho?*

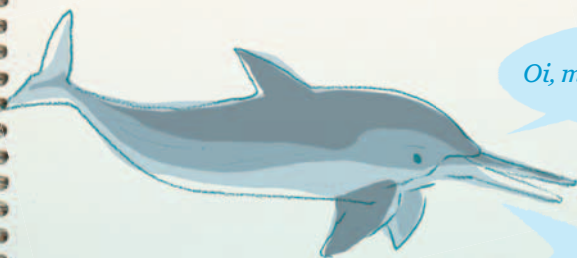
*Oi, Delphos,
querido. Por onde
andava? Estava
te procurando.*

*Trabalho ainda não, mas
cansa levar este seu sobrinho aqui na
barriga. Não vejo a hora dele nascer.
Só falta um mês e meio para completar
os 11 meses de gravidez.*

*Oba, em breve
serei tio! Agora, vou
achar a mamãe.*

*Não precisa, ela está
vindo no meio desse
grupo, é só ficar atento
e acompanhá-la.*





Oi, mãe, vamos nessa?

Oi, meu filho. Por onde andava, estava te procurando.

Estava com Rostro. Ele estava me ensinando a fazer rotação. Eu vi que estava dando de mamar e te deixei em paz, como gosta nessa hora.



Obrigada, Delphos. Tua irmãzinha é igual a você quando bebê, só quer mamar.

Nós rotadores vivemos apenas em mar aberto, raramente chegamos perto da costa e nunca entramos em rio. Só vivemos em águas quentes, ao redor de todo o planeta. Mas, para descansar, reproduzir, cuidar dos filhotes e refugiar-nos de tubarões, podemos nos aproximar de ilhas oceânicas durante o dia, como acontece aqui no Arquipélago de Fernando de Noronha e, dizem, que também no Havaí.



Ok, agora fica ao meu lado e vamos lá que já estamos atrasados.

- *Quase, hein, Delphos?*
- *Viu a minha rotação, Naia?*
Quase consegui. Eu até achei que iria conseguir dar os dois giros completos. Mas na hora "h" faltou um pouquinho. Dei um giro e meio e cai de costas.

- *Doeu?*

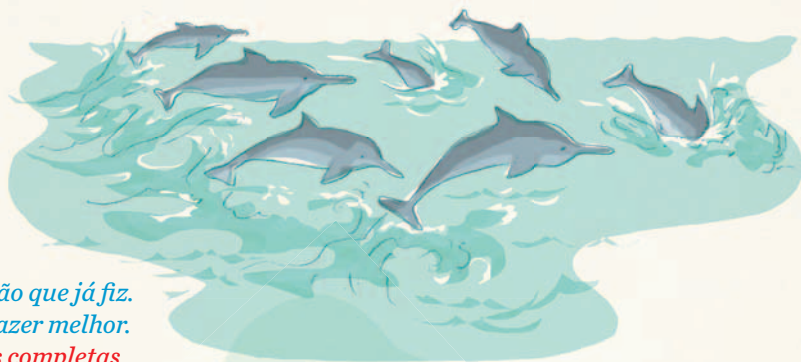
- *Pouquinho. Mas foi a melhor rotação que já fiz. E nunca vi ninguém da nossa idade fazer melhor.*

- *Ontem, o Delfino deu duas rotações completas.*

- *Mas, ele é dois anos mais velho do que nós.*

- *O que você já sabe fazer?*

- *Eu já sei:*



Batida de cabeça



Batida de cauda



Caída



Salto

Para quem não sabe, as atividades aéreas, esses saltos e batidas com partes do corpo na superfície do mar que os golfinhos-rotadores dão, compõem um sistema de comunicação que pode passar orientações para os rotadores se deslocarem ou agruparem.

- *É, está bem adiantado.*

- *Daqui a dois anos, vou conseguir dar três ou quatro rotações certinhas.*

- *Quero ver essa!*

- *E até inversão, que é minha atividade aérea preferida.*



Inversão



Oi, tio.

Posso ir contigo?

Agora não vai dar, pois vou entrar de guarda. Tem uns tubarões aqui embaixo que preciso vigiar e uns barcos de turismo lá na frente para eu despistar. Fique com sua mãe.

Oi, Delphos.

Não vejo a hora de ficar de guarda com você.

Sua hora vai chegar. Tchau.





- Mãe, porque esses humanos têm que vir aqui nos incomodar?
Eles não sabem que Noronha é nosso refúgio, onde recuperamos
nossas energias? Não sabem que aqui, durante o dia,
descansamos, namoramos e cuidamos de nossos filhotes
e, à noite, buscamos nosso alimento? Eles não entendem
que não podem nos incomodar?

- Em parte você está certo, mas os humanos têm um
grande fascínio pelos golfinhos, há muito tempo. Eles
têm inúmeras lendas sobre nós. Nessas lendas, nós, golfinhos,
sempre estamos relacionados à inteligência.

- Mas isso não dá a eles o direito de nos perseguirem.

- Teoricamente não. Mas se esses humanos que vêm a Fernando de
Noronha conseguirem nos ver de pertinho, nos incomodando só um
pouquinho, se sensibilizarão para a necessidade de conservação
dos mares. Assim, nós, golfinhos, estaremos realizando um
importante papel.

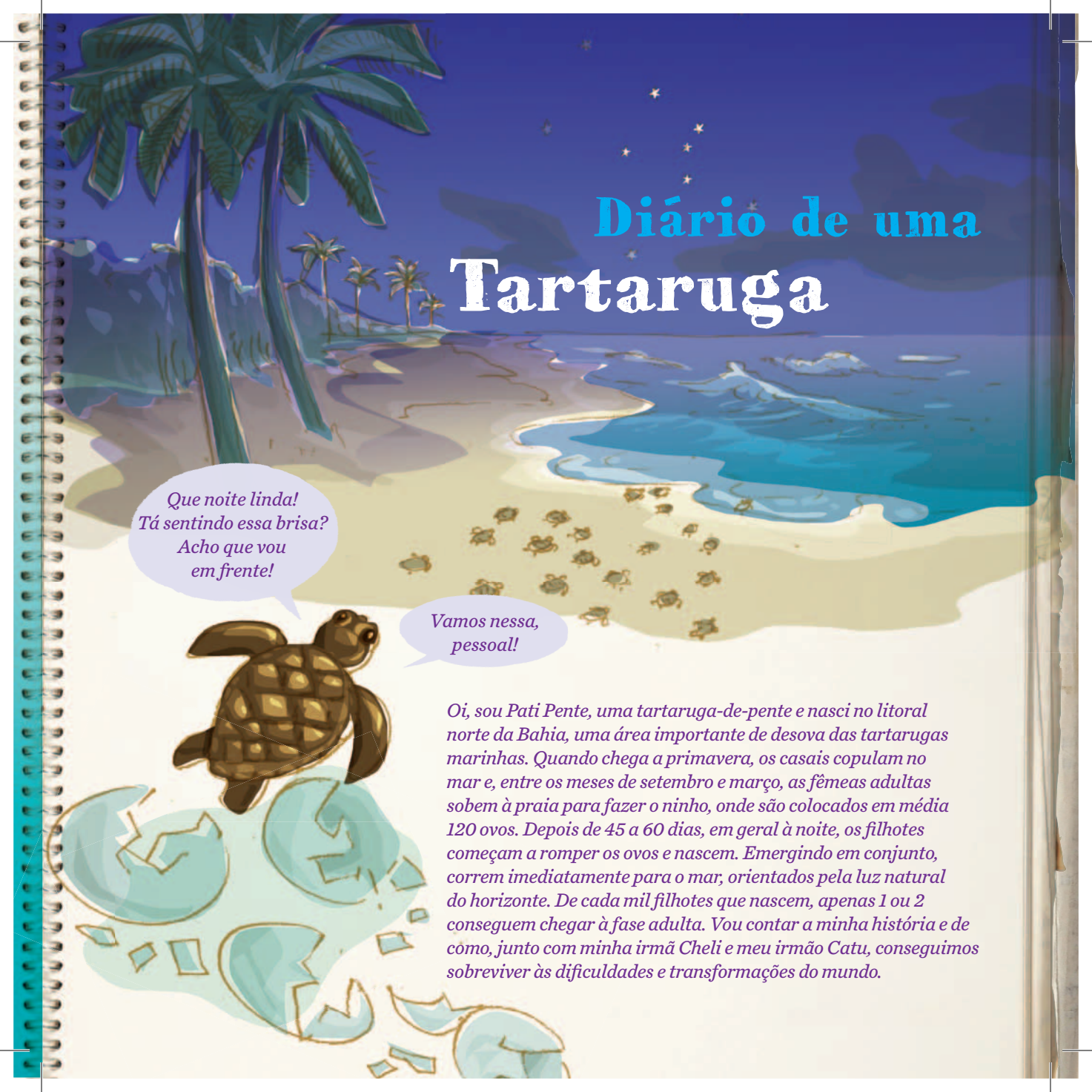
- Que papel, mãe?

- De mostrar para os humanos a importância de
respeitar outros animais e preservar o Planeta
Terra, especialmente os mares.

- E tem alguém fazendo isso, mãe?

- Sim, querido, o Projeto
Golfinho Rotador.

Mamãe me
contou que o Projeto
Golfinho Rotador vem
trabalhando para preservar o
hábito dos rotadores irem descansar, reproduzir
e cuidar de seus filhotes em Fernando de Noronha. Esse projeto faz isso estudando nosso
comportamento natural e como o turismo interfere em nossa vida, ajudando a criar normas de
proteção para nós e sensibilizando ilhéus e turistas quanto à importância da conservação do
meio ambiente, por meio de ações de educação ambiental e de orientação à sustentabilidade.
O que é muito legal também são os cursos de capacitação profissional em ecoturismo do
Projeto Golfinho Rotador, que ajudam a comunidade local a melhorar de vida.



Diário de uma Tartaruga

Que noite linda!
Tá sentindo essa brisa?
Acho que vou
em frente!

Vamos nessa,
pessoal!



Oi, sou Pati Pente, uma tartaruga-de-pente e nasci no litoral norte da Bahia, uma área importante de desova das tartarugas marinhas. Quando chega a primavera, os casais copulam no mar e, entre os meses de setembro e março, as fêmeas adultas sobem à praia para fazer o ninho, onde são colocados em média 120 ovos. Depois de 45 a 60 dias, em geral à noite, os filhotes começam a romper os ovos e nascem. Emergindo em conjunto, correm imediatamente para o mar, orientados pela luz natural do horizonte. De cada mil filhotes que nascem, apenas 1 ou 2 conseguem chegar à fase adulta. Vou contar a minha história e de como, junto com minha irmã Cheli e meu irmão Catu, conseguimos sobreviver às dificuldades e transformações do mundo.



Puxa, não éramos
120 tartaruguinhas
lá no ninho?

Pra onde
foi todo
mundo?

Pois é, agora
vamos ficar
juntos e...

Hei, o
que é
isso?!



Oi, tartaruguinhas.
Sou Dona Cachola,
e vocês?

– Elas são minhas irmãs... Cheli e Pati Pente.
Eu sou Catu!

– “Rapaz”, nem lembrava como eu era tão
pequenininha e que demorou 30 anos pra eu
voltar pra cá de novo!

– 30 anooooooooooooossss?

– Mas não se preocupe, não, vou indicar
um lugar com muitas esponjas, amigos e
segurança!

– Peraí, Dona Cachola! Esponja de banho?
Não como nem morta! Eca!

– Pati, não é esponja dessas, não, é um
animal marinho que vive em recifes de coral!
Hahahaha!

– Isso mesmo, precisamos nos alimentar
para crescer. E onde fica esse lugar, Cachola?

– É aqui mesmo na Bahia, mais ao sul!
Não tem erro, não....

– E como você sabe tudo isso?

– Eu sou a tartaruga-cabeçuda mais viajante
que vocês vão conhecer!

– E o que é esse negócio aí preso na sua
nadadeira?

– Foram uns pesquisadores que colocaram
esses piercings em mim. Com isso, eles
podem acompanhar nosso desenvolvimento
e nos proteger.

– Óóóóóóóóóó...



Agora preciso ir
encontrar a galera e já
estou atrasada... Fui!!
Boa sorte!



*Eu... eu...
tô com
medooo!*

*Calma, Cheli!
Cante pra
gente!*

*Isso, Pati!
Quem canta seus
males espanta!*

*Tamarear é andar pela praia, descalço na
areia, olhando pro céu! E, mesmo cansado,
mareado e molhado, não desistir!...*

Que música linda!

*Uau! Agradeço
o elogio, vindo de uma
tartaruga-gigante,
isso é uma
honra!*

*Como você é
bonita...*

*Olá, sou Couraça!
Estava mergulhando para buscar
minha comida preferida, as águas-vivas,
quando voltei, segui essa
canção!*

– Noossa, você é boa em tudo!

– Quase tudo, pequenina! Somos a espécie de tartaruga marinha mais ameaçada que existe! Vira e mexe ficamos presas em anzóis e redes de pesca, além de confundirmos sacos de lixo com as águas-vivas (nossa comida)...

– Puxa! Que coisa horrível! O que podemos fazer?

– Cantar essa música já é um ótimo começo... certamente conquista corações!

– Então vamos cantar!

Tamareando levo a vida pra frente
no contravento, alma levando...

Olhem ali, duas
tartarugas com o
casco achatado, que
engraçadinhas!

Aposto que são
tartarugas-oliva!
Que legal, vamos
lá conhecê-las!

Socorroooo! Alguém
me ajude! Aaaaaaiiii!





Caramba! Fugam, meninas, e deixem comigo!!

Ufa! Essa foi por pouco! Muito obrigada!



Imagina! Você está bem? Que perigo é estar por aqui.



– Oi! Me chamo Lili. Sou uma tartaruga-oliva. Estou aqui pelos camarões! Esses barcos arrastam suas redes pelo fundo do mar, levando com tudo nossos petiscos e muitas vezes até nossas vidas, pois ficamos presas debaixo d'água e não conseguimos sair para respirar!

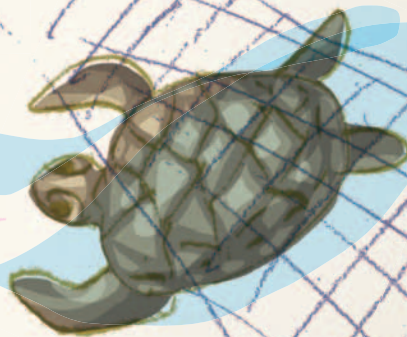
– A Dona Cachola me disse que a captura incidental pela pesca é uma das maiores ameaças da atualidade às tartarugas marinhas!

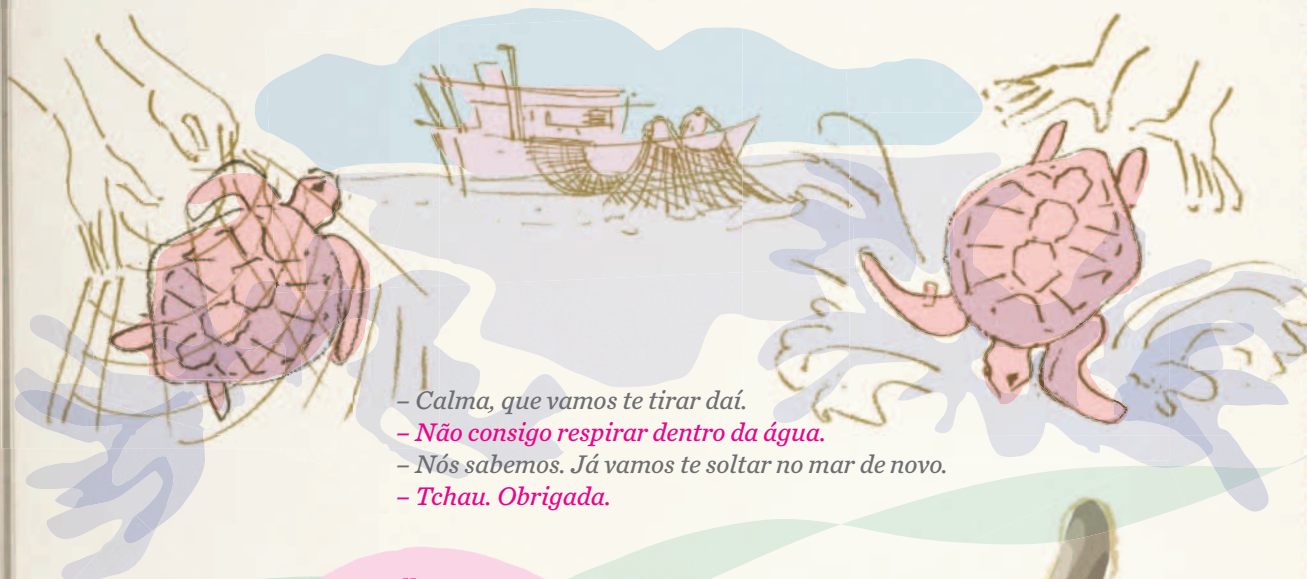
– Na minha pouca experiência de vida, já percebi que precisamos de ajuda para sobreviver nesse mundo! Uff!

Depois que Lili, a tartaruga-oliva, se acalmou, ela nos contou várias histórias sobre os humanos. Então passamos por várias cidades costeiras, observando o mundo como verdadeiros cientistas.

TEMPOS DEPOIS, FUI EU QUE ME METI EM APUROS...

Socorro! Socorro! Estou presa. Vou me afogar.





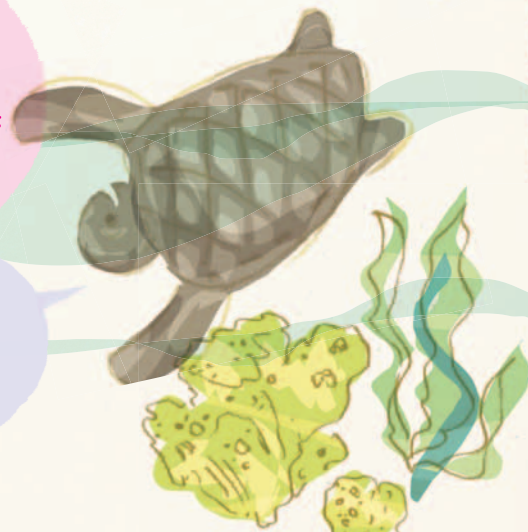
- Calma, que vamos te tirar daí.
- **Não consigo respirar dentro da água.**
- Nós sabemos. Já vamos te soltar no mar de novo.
- **Tchau. Obrigada.**

Olha, Catu,
quando aquela rede
me pegou, achei que
ia virar comida de
humano!!

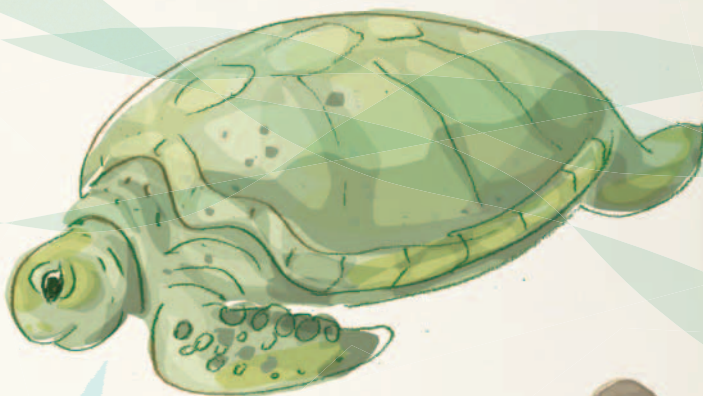
Mas isso quase
não existe mais, Pati,
já foi o tempo!

Pois é,
os pescadores que me
encontraram eram amigos
e tinha um pesquisador do
Projeto Tamar a bordo,
que cuidou de mim e eu até
ganhei esses piercings
aqui! Tô mais
linda!

Nós vimos
quando te
devolveram
ao mar.



Desculpe, mas eu vi também. Tô chorando até agora! Sou a Vovó Mirtis, tartaruga-verde ao seu dispor! Eu adoro esse litoral cheio de algas deliciosas e também o pessoal do Tamar.



Então a senhora conhece o pessoal do Tamar?

Sempre fui muito bem tratada! Um dia teve até festa cheia de canoas coloridas... foi inesquecível!

Ai, vovó! Eu já tô mudando minha opinião sobre os seres humanos. Embora tenham muito que aprender, eles têm um coração do tamanho do mar!

Assim vou conseguir viver até mais de 30 anos, para poder namorar e ter meus filhotinhos.

Os humanos também estão mudando de opinião sobre nós!



Mais informações:

www.sites.petrobras.com.br/socioambiental e www.facebook.com/petrobras

www.projetoalbatroz.org.br e www.facebook.com/projetoalbatroz

www.baleiajubarte.org.br e www.facebook.com/ibaleiajubarte

www.coralvivo.org.br e www.facebook.com/CoralVivo

www.golfinhorotador.org.br e www.facebook.com/golfinho.rotador

www.projetotamar.org.br e www.facebook.com/ProjetoTamar